https://doi.org/10.25094/rtp.2025n46a1179

Como se fosse uma carta: a casa

Angela Guida *
Lohayne dos Santos Sousa **

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre produções epistolares a partir do diálogo com *Como se fosse a casa: uma correspondência*. O livro registra as trocas poéticas entre Ana Martins Marques e Eduardo Jorge quando a poeta mineira morou um mês no apartamento dele, enquanto ele estava na Europa. A correspondência reinscreve a tradição epistolar como gesto de criação e abertura a novas possibilidades do fazer poético e epistolográfico. A noção de envio e, por conseguinte, de desvio, com a qual Jacques Derrida dialoga em *Cartão-Postal* (2007), constitui, entre outros, um importante ponto de reflexão para a leitura.

Palavras-chave: Carta; Poesia; Intimidade; Memória.

> *[...] Transcrevo esta mensagem da Ana, que me toca bastante: "Recebi sua carta (que alegria é ainda receber uma carta), andei com ela na bolsa, dentro de um livro, por vários dias, reli muitas vezes)". Acredito ainda nessas mensagens de amizade, onde o prazer intelectual da troca passa pelas maneiras de dizer e pelas formas de envio.*
>
> Eduardo Jorge

* Docente na Graduação e Pós-Graduação Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Brasil. E-mail:angelaguida.ufms@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8948-646X.

** Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Brasil. E-mail: lohayneds.sousa@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0004-0265-9711.

É curioso: começamos a nos corresponder por causa de uma casa, escrevemos um livro por causa dessa correspondência e então passamos a nos corresponder por causa do livro.

Ana Martins Marques

É justamente a carta desviada que nos ocupa, aquela cujo trajeto foi alongado.

Jacques Derrida

Introdução

Quando no longínquo século XVII, sóror Mariana Alcoforado vislumbrou nas cinco cartas escritas ao soldado francês Chamilly uma forma de dar voz a seus sentimentos, não só inaugurou o romance epistolar português, como também uma possibilidade de escrita que parece aproximar os leitores da intimidade de quem escreve: estamos falando da escrita epistolar. No caso de Mariana Alcoforado, mesmo com algumas dúvidas no que diz respeito à autoria das missivas, que foram editadas, pela primeira vez, na França, em 1669, por Claude Barbin, a verdade é que essas cinco cartas, mais de três séculos depois, ainda inspiram cartas outras mundo afora, como foi o caso de Nuno Júdice que, no ano 2000, produziu "Três variações para cravo e Mariana", em que recria literariamente cartas-respostas de Chamilly à jovem freira de Beja. E, talvez, o maior livro-carta já produzido a partir das cartas de Mariana Alcoforado – *Novas Cartas Portuguesas,* de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, também conhecido como o livro das "Três Marias". Produzido na década de 70, mais precisamente em 1971, portanto em pleno período ditatorial do Estado Novo, esse livro-carta foi um escândalo para a época, proibido de circular e condenando suas autoras à prisão, o que mobilizou muitas pessoas, inclusive Simone de Beauvoir, que ficou comovida com a censura que as três Marias sofreram por expor, entre outras questões, a intimidade machista portuguesa.

Marisa Lajolo (2002) remonta o gênero poético epistolar a Horácio, por volta de 10. a.C. no mundo antigo, entretanto é no século XVIII que o romance epistolar surge e ganha grande amplitude. Lajolo atribui o sucesso do gênero a uma familiaridade dos leitores de então com a estrutura das cartas, por haver certa homologia entre as práticas cotidianas sociais e a literatura: "Surgimento, multiplicação e sucesso do romance epistolar na Europa no século XVIII sugerem uma certa homologia entre, de um lado, práticas sociais cotidianas de linguagem e de escrita; de outro, a mimese de tais práticas na literatura" (Lajolo, 2002, p. 62). Quando não havia outro modo de se comunicar a longas distâncias (ou, quando havia, eram métodos muito onerosos), as pessoas o faziam por meio de cartas e essas cartas, mais tarde, dependendo de seus remetentes e de seus destinatários, se transformaram em arquivos preciosos, verdadeiras raridades que despertaram (e ainda despertam) interesses de estudiosos de campos teórico-metodológicos diversos, como, por exemplo, a crítica genética, que investiga processos de criação de obras, portanto, se vale das cartas trocadas entre escritores e artistas de um modo geral e não apenas de manuscritos e rascunhos como se possa sugerir inicialmente. Especialistas de crítica genética vão para o arquivo e, nos arquivos, estão os manuscritos, os rascunhos e, em alguns, as famosas cartas. Assim, "a crítica genética, ao considerar a epistolografia um 'canteiro de obras' ou um 'ateliê', busca descortinar a trama da invenção, o desenho de um ideal estético, quando examina as faces dos processos da criação" (Moraes, 2007, p. 30).

Em 2020, uma famosa grife de bolsas de luxo dividiu opiniões quando anunciou que colocaria fragmentos inéditos de cartas de escritores, de personalidades famosas e históricas como Charles Dickens, Rainha Victoria, Giacomo Casanova, Brigitte Bardot, Charles Lindbergh, Marlene Dietrich coladas com o *slogan* "Toda mulher precisa de um segredo", fazendo alusão à ideia de que as cartas e as bolsas escondem segredos, uma vez que a escrita epistolar é, por natureza, uma escrita intimista, reservada para ser lida na intimidade "[...] da carta aberta. Meu gosto pelo secreto (a-b-s-o-l-u-t-o)" (Derrida, 2007, p. 56). Testemunhar os segredos da carta, da bolsa, do voyeurismo...

> O apelativo slogan da marca joga com a relação que se encontra amparada na ideia de que cartas são, por excelência, escritas

> sigilosas, logo, as bolsas da Sekrè oferecem esse ar de mistério por meio das cartas-adornos, criando uma relação de similitude com o desejo de vasculhar a bolsa e a carta de alguém como relações que operam no mesmo campo semântico: descobrir o que se esconde na bolsa e na carta (Bidemy, Guida, Machado, 2021, p. 293).

Em uma feira de antiguidades, no ano de 2011, na cidade do Rio de Janeiro, enquanto pesquisava material para um projeto, a cineasta Natara Ney encontrou uma caixa com aproximadamente cento e oitenta cartas. No pequeno baú, havia cartas de amor trocadas entre um casal na década de cinquenta. Tratava-se de um casal anônimo, uma história comum de amor a distância, que poderia ser a nossa ou a de qualquer leitor ou leitora que agora lê este artigo. Uma história simples que cresceu diante dos olhos cinematográficos de Natara Ney. A princípio, a cineasta só desejava entregar as cartas à intimidade dos donos, a ideia do documentário veio bem depois, após longa investigação para descobrir a história do casal dono das cartas, ganhando as telas dos principais cinemas do país, em 2022, sob o sugestivo título *Espero que esta te encontre e que estejas bem*. A autora afirma que "depois de ler o conteúdo senti que elas não me pertenciam, que eu tinha que devolver para alguém, ainda não havia uma ideia concreta do que fazer. Só mais tarde pensei em filmar esta investigação, este trajeto que, eu esperava, chegasse até os verdadeiros donos" (Ney, 2022, s/p).

Entre os segredos de uma carta velados e desvelados em uma bolsa de grife, ou a singeleza de uma história de amor a distância contada nas telas de cinema, ou as eróticas cenas narradas nas cartas da freira de Beja, ou das *Novas Cartas portuguesas*, Jacques Derrida nos diz que as cartas são passíveis de sofrer desvios e isso as coloca numa condição de fazer um trajeto próprio: "É por poder sofrer um desvio que ela tem um trajeto que lhe é próprio" (Derrida, 2007, p. 484). Pois bem, encenamos esses "desvios" e "envios" epistolográficos a fim de chegarmos ao trajeto de um projeto singular, "inadestrável" na produção literária contemporânea brasileira, produzido pelos poetas Ana Martins Marques e Eduardo Jorge, que é o motivo principal deste artigo.

O "como se" do filósofo e dos poetas

A primeira parte de *Cartão-postal* – intitulada "Envios" – é constituída por cartas. Mas não apenas isso. A disposição das letras e das linhas nas páginas confere a esse capítulo uma singularidade para um livro que se propõe teórico, o que não é incomum se tratando de Derrida. Como observa Danielle Magalhães, as linhas parecem versos e os parágrafos lembram estrofes. O livro teórico em que Derrida discute os endereçamentos, as cartas e a questão relacionada à presença e ausência também se move no "como se". Danielle argumenta que as cartas da seção-capítulo "Envios" podem ser lidas "como se" fossem poemas.

> [...] a escrita de Derrida desafia os limites da linha: muitas vezes, as cartas terminam de maneira abrupta, antes do suposto término das frases, interrompendo a linha e o sentido, como, por exemplo, em "Não sei quando volto, segunda ou terça, telefonarei e se você não puder vir me esperar na estação, eu" (DERRIDA, 2007, p. 31). A frase é interrompida, não é finalizada. Depois de "eu", outra carta, de outra data, se inicia. Ficamos suspensos no corte. O sentido fica pendente. Quando há grandes espaçamentos em branco entre as frases, os buracos no texto causam um efeito de justaposição de trechos deslocados, como se fossem estrofes, fazendo com que seja possível ler essas cartas como um poema. (Magalhães, 2020, p. 13).

Outro ponto importante que Danielle Magalhães destaca em *Cartão-Postal* é a dubiedade de sentido da palavra endereçamento. Em geral, na língua portuguesa, é comum a associação da palavra endereçamento, bem como de suas variantes ao universo epistolar, no entanto, Magalhães chama atenção para o uso dessa palavra na língua francesa, um uso que amplia o campo semântico para além do âmbito epistolográfico. Endereçamento também pode representar o que não é categorizável, o inadestrável.

> Não é à toa que esses "Envios" são endereçamentos, pois, se atentarmos para a composição da palavra "endereço", *adresse*, em francês, ela se constitui da negação do que é adestrado (*dressé*): "*a-dresse*", isto é, o

> endereçamento derridiano, é o meio pelo qual o texto deve se fazer inadestrável, apagando as marcas dos códigos que o fariam categorizável e codificado. (Magalhães, 2020, p. 16, grifos da autora).

O não categorizável da produção de Ana Martins Marques e de Eduardo Jorge já se inscreve no "como se" do título – *Como*[1] *se fosse uma casa:* uma correspondência. O "como se" pode ser tudo... uma casa, uma carta. Ele é pleno de possibilidades, logo não se prende a nenhuma categorização. É inadestrável. Como uma carta que pode sofrer um desvio e ficar na errância, essa produção inadestrável vai ter um trajeto próprio, que não se deixa guiar por outrem: "Por poder sofrer um desvio que ela tem um trajeto que lhe é próprio" (Derrida, 2007, p. 484). São as possibilidades da linguagem poética com as quais o poeta-carteiro elabora seu jogo, afinal, diz-nos Derrida: "Um grande pensador é sempre um pouco um grande correio" (2007, p. 37).

O poeta e tradutor Eduardo Jorge desejava alugar seu apartamento no icônico prédio JK, um projeto do arquiteto Oscar Niemeyer, realizado na década de cinquenta, em Belo Horizonte, uma vez que Eduardo ficaria fora por 1 mês na França. Fez uma chamada no círculo de amigos, conhecidos e, para sua surpresa, Ana Martins Marques respondeu ao anúncio, manifestando o desejo de locação:

> Fiquei surpreso quando a Ana Martins Marques respondeu ao meu anúncio, no qual eu propunha aos amigos de Belo Horizonte o aluguel do apartamento no JK. Minha intimidade com a Ana, mesmo que eu a conhecesse pessoalmente, sempre foi mais como leitor, sobretudo pelo livro *A Vida Submarina*. Ao mesmo tempo, a cada nova mensagem da Ana, eu sentia uma amizade que surgia pela casa: pelas regras do condomínio, pela correspondência, pelos corredores do prédio, pelos hábitos sobrepostos, pelos relatos da visão da cidade… (Jorge, 2017, p. 1).

1 Rafael Belúzio (2020) vê na partícula comparativa "como" a inscrição do bíos de Ana Martins Marques, isto é, sua formação em literatura comparada. Marques é doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Assim, no início de 2016, Ana passa a ser a nova moradora do apartamento de Eduardo Jorge com praticamente tudo que lá estava e o livro *Como se fosse a casa*: uma correspondência nasce desse curto período no qual Ana habitou o alheio da casa de Eduardo, o alheio em que "deposita-se quieta a memória de outros corpos" (Jorge; Marques, 2017, p. 9).

> Este livro é resultado de uma correspondência entre Eduardo Jorge e Ana Martins Marques, durante o período em que ela morou no apartamento dele no Edifício JK, projetado em 1952 por Oscar Niemeyer. Eduardo continua em viagem. Os poemas dela estão escritos em azul sobre fundo branco, e os dele, em branco sobre fundo azul. (Jorge; Marques, 2017, p. 5).

A princípio, a correspondência trocada entre os poetas era para resolver coisas de ordem prática, de um cotidiano fútil e tributável, como dizem os versos do poeta Álvaro de Campos (2002). Resolvida a parte prática inicial, os poetas deram início a uma troca de poemas, motivados pelo espaço, pela memória, pelo habitar, pela ausência... Ana Martins Marques diz que foi Eduardo Jorge quem primeiro respondeu a uma carta sua em forma de verso, dando início à correspondência-poesia:

> [...] Há uma parte da correspondência, talvez mais importante até do que as próprias palavras trocadas, que é o gesto de endereçamento, o ato de lançar-se à leitura do outro e de esperar pelas suas palavras; o que importa, então, é não tanto aquilo que o outro responde, mas o simples fato de que ele acolha nossas palavras e também nos acene à distância. (Marques, 2017a, p. 1).

Para Marisa Lajolo, "gênero poético clássico, a epístola define-se como poema dirigido a um amigo" (Lajolo, 2002, p. 61). Não foi isso que os amigos e poetas Ana Martins Marques e Eduardo Jorge fizeram? Correspondência-poema que saiu da intimidade dos dois amigos e transformou a todos nós leitores em possíveis destinatários[2].

2 Reflexão semelhante a que as "Três Marias" fazem na Primeira Carta I de *Novas cartas portuguesas*, quando dizem que toda a literatura pode ser pensada como uma longa carta destinada a um interlocutor invisível.

> No momento em que esses textos passam a compor um livro, no entanto, essa correspondência, antes a dois, passa a se destinar a todos, ou melhor, a qualquer um, a um qualquer leitor que topar com essas cartas agora sem destinatário certo, como sempre são os poemas. (Marques, 2017b, p. 1).

Ana Martins Marques, moradora, ainda que provisoriamente, da casa de Eduardo Jorge, ao habitar esse espaço também habita certa intimidade, como se estivesse a ler uma carta que não foi endereçada a ela, uma carta que fez um desvio, afinal, o sujeito poético se refere a si mesmo em terceira pessoa, como se sentisse um desconforto por estar a invadir/ler um espaço-escrita de outrem: "Ela às vezes se sente uma espiã / [...] e no entanto a deixam entrar / como se a casa fosse sua" (Jorge, Marques, 2017, p. 17), um sentimento de quem abre uma carta alheia ao ler o outro, ao ler os objetos que pertencem ao outro, ao ler os espaços que o outro ocupa, pois: "É o mesmo lençol, mas outra a noite / agora ninguém aqui / o corpo lembra sim, alguma coisa lembra / (mas o que sabe a noite / da noite ?)" (Jorge, Marques, 2017, p. 13). No belíssimo texto que o poeta Ricardo Aleixo fez na orelha do livro, ele o nomeou: "Lendo-alheio". Nada mais preciso para nomear Ana que lê Eduardo, Eduardo que lê Ana (correspondência e carta-poema) e nós leitores que lemos a ambos. Todos "lendo-alheio". Lendo a intimidade da correspondência que se transformou em poema, lendo a intimidade da casa que se transformou em correspondência, lendo a intimidade de um sujeito poético que parece estar deslocado neste espaço provisório, logo se olha com o distanciamento seguro da terceira pessoa.

> *Ela* recebeu mas não leu
> o regulamento do prédio
> o protocolo de incêndio
> *os objetos alheios*
> *– alguma vez morou aqui*
> alguém que amava as imagens –
> deposita-se quieta a memória de outros corpos
> de coisas acabadas ou mal acabadas de nascer
> feridas antigas, indecifráveis, mas que de algum modo

ainda perduram
na parede vermelho-
amor que não cicatrizou
(Jorge; Marques, 2017, p. 9, grifos nosso)

Em outra carta-poema, o sujeito poético diz que quando se aluga um imóvel é preciso considerar que muitos outros signos vão caminhar juntos com o novo espaço, isto é, as intimidades de novas paisagens se ampliam para possibilidades outras de leituras. Poderíamos ler aí a carta desviada de que fala Derrida. Outros trajetos vão surgindo nessa travessia que vem junto com o aluguel do apartamento do amigo poeta...

Quando alugamos um apartamento alugamos
uma paisagem alugamos vizinhos com os quais
cruzamos no elevador a temperatura das manhãs
determinados barulhos certas incidências
do sol poeira alugamos as palavras
que nos dirigem os porteiros as distâncias relativas
dos lugares que frequentamos alugamos os lugares
que passamos a frequentar o cheiro de tinta o toque
dos tacos alugamos o direito de dizer que aí moramos
o salvo-conduto para entrar e sair e mesmo a permissão
para morrer aí alugamos a memória futura
de um apartamento e o direito de metê-lo
num poema
(Jorge; Marques, 2017, p. 23)

Como se fosse a casa: uma correspondência é o livro de Ana Martins Marques em que o tema das correspondências aparece de forma direta, no entanto, o pesquisador Rafael Fava Belúzio, em uma leitura mais atenta da obra de Marques, identifica passagens significativas nas quais é possível perceber que a poeta mineira, bem antes do projeto em parceria com Eduardo Jorge, já encenava em seus poemas algum vislumbre de escrita epistolar. Belúzio chama atenção, de modo especial, para o poema "Self Safári (Carta para Ana C.)".

Self Safári
(Carta para Ana C.)

Ciganas
passeando
com um rosto escolhido
por paisagens cegas de palavras
traduzidas
inconfessas
rabiscos
ao sol.
Cotidianas
vivendo dias de diários
e mentindo descaradamente
nos silêncios das cartas
(selos postais
unhas postiças
versos pós-tudo).
Fulanas
de nomes reversíveis
para ir e voltar
sem sair do lugar:
self safári
por essa paisagem toda
que no fundo
Ana
nada tem a ver conosco.
(Marques, 2021, p.121, grifos nosso)

A referência a Ana C. não é gratuita, uma vez que a poeta carioca desafiou as noções de público e privado com suas correspondências e poemas que encenavam a intimidade da vida cotidiana. De Ana para Ana, porque "no fundo / Ana / nada tem a ver conosco", mas seus versos se enlaçam nas paisagens das palavras que recriam, que encenam a vida ordinária. Como observa Belúzio, a vizinhança da poesia de Marques

com a intimidade a coloca próxima a gêneros que cultivam essa característica e a epistolografia é só mais um deles que permite a poeta/sujeito poético o velar e o desvelar-se da intimidade cotidiana, "vivendo dias de diários / e mentindo descaradamente / nos silêncios das cartas" (Marques, 2021, p. 121) tal qual Ana C.

> A característica epistolar é mais um dos pontos em comum entre os registros do *submarino* e os da *casa*. Evoco, reservadamente, o "Self safári (Carta para Ana C.)", que troca notícias com a autora de *Correspondência completa*. Inclusive, o seu "Diário (verão de 2007)", AMM, se avizinha à poesia de ACC; em particular, às *Cenas de abril*. Essa afinidade com arquivos, coleções, listas, por sinal, atravessa *A vida submarina* e *como se fosse a casa*. A própria casa é uma espécie de arquivo de quem nela mora, e não é à toa que você já havia composto uma série chamada "Arquitetura de interiores" (Belúzio, 2020, p. 131).

Uma intimidade também experienciada por Belúzio, que produz seu artigo teórico com a estrutura de uma carta endereçada a Ana Martins Marques. O articulista ainda se revela morador do icônico edifício JK e, no artigo-carta, lê *Como se fosse a casa:* uma correspondência numa espécie de leitura comparada com sua experiência de morador do JK.

> BH, 02 de novembro de 2018.
>
> Oi, Ana, tudo bem?
> Acabo de ler o *como se fosse a casa* (uma correspondência), "este livrinho feito a dois", você mesma disse isso no autógrafo/dedicatória que compôs "Para Alice e Rafael".
> [...]
> Eu estou cá perdido, aqui presente neste labirinto de Belo Horizonte, no meu quarto, localizado no bloco A, do Edifício JK.
> [...]
> Pois é, estou redigindo na edificação em que você escreveu para o Eduardo. E resolvi fazer esta carta, como se fosse a crítica, em formato de fragmentos, ou módulos, como se cada bloco de linhas formasse uma residência do JK (Belúzio, 2020, p. 123-124, grifos do autor).

Ao longo do artigo, em vários fragmentos, Belúzio lê o livro de Ana Martins Marques e Eduardo Jorge, se lê e chega à conclusão de que eles habitaram o mesmo espaço, no entanto, construíram lugares diferentes: "Lendo a sua sequência de poemas, de início fico com a sensação de estar me mudando, outra vez, hoje, para o meu edifício" (Belúzio, 2020, p. 125). Belúzio também está sob o signo do "como se"...

Uma casa chamada poesia

Como se fosse a casa: uma correspondência se estrutura alternadamente em páginas com fundo branco e escrita azul para as cartas-poemas de Ana Martins Marques e páginas com fundo azul e escrita azul para as de Eduardo Jorge, que ora estão nas páginas ímpares, ora, nas pares. Não há uma interconexão direta (ou óbvia) entre os textos, o que pode dificultar para quem deseja uma leitura estilo "casa arrumadinha". Há desvios, as cartas-poemas fazem um trajeto próprio, "inadestrável", como diz Derrida em *O Cartão-Postal*.

> A princípio tive dúvidas se aqueles poemas poderiam resultar num livro, porque o diálogo entre os textos às vezes é bastante indireto ou abrupto, porque não há propriamente unidade ou "desenvolvimento narrativo"… Mas aos poucos justamente essa estranheza passou a me agradar, a ideia do livro como uma casa aberta, com as interrupções, os silêncios e as mudanças de foco que marcam qualquer correspondência. Costumo brincar que Eduardo e eu lançamos um livro que não escrevemos. Mas isso não é bem verdade, porque houve todo um processo posterior de seleção, reescrita e arranjo dos textos. (Marques, 2017b, p. 1).

Escrever é um processo que começa muito antes de formar palavras, começa no desenhar das primeiras ideias, no pensar em nossos interlocutores, no movimento de sentarmos à nossa mesa (a depender do suporte, colocar o aparelho no colo) e prepararmos nossas mãos para o exercício que elas irão empreender. Talvez, muito antes, comece na leitura de outros textos que, num sobressalto, nos apetecem escrever. Escrever é, sobretudo, *escrever para*, principalmente quando tratamos das relações dialógicas epistolares.

Sabemos, também, que escrever em nosso tempo não é como escrever em outras épocas. Contemporaneamente, transfiguraram-se os nossos meios de comunicação pelo advento da internet e do avanço tecnológico em tal ponto que jamais voltaremos a nos comunicar da mesma forma, pois, mesmo que tentemos, já estamos atravessados pelas transformações de nosso tempo. Sobre isso, Bastos e Negri argumentam:

> As cartas sempre tiveram um papel importantíssimo na formação e no estudo posterior da obra de autores, como registro de vivências, como gênero literário singular e presente na vida comum. Hoje, que raramente são escritas, mesmo se o forem não gozarão da naturalidade que tinham no tempo em que eram praticamente o único modo de comunicação à distância. Esse modo de ser, essa normalidade da carta, foi perdido com os novos meios de comunicação. Surgiu aí um vácuo que compensa suprir (Bastos; Negri, 2020. p. 128).

Será mesmo um vácuo? Das cartas trocadas entre Eduardo Jorge e Ana Martins Marques estavam o envio de cartas à moda tradicional, o envio de livros, mas também a troca de e-mails, a forma de correspondência amplamente utilizada na contemporaneidade, como lembra o jornalista Ricardo Viel: "Além de mensagens virtuais, às vezes usam o correio para fazer chegar a Belo Horizonte ou Paris um cartão-postal, um livro com um bilhete dentro, um envelope com folhas manuscritas" (Viel, 2017, p. 1). A correspondência não deixou de ser usada para comunicação, apenas teve seus meios (ou falando em gênero, seu suporte) transformados. Ana Martins Marques e Eduardo Jorge construíram um diálogo com o gênero epistolar não só como seu arquivo de criação, mas como própria materialidade de sua criação poética, no sentido em que seus e-mails trocados não inspiraram um tema ou influenciaram alguns versos, mas esse diálogo é a própria matéria poética. Não interessa a Marques e Jorge rasurar os elementos epistolares de seus poemas. Muito pelo contrário. Como já demonstramos, os poetas destacam que os poemas e, por conseguinte o livro, são frutos da correspondência que trocaram, ou seja, a correspondência era a "matéria vertente" para a criação de *Como se fosse a casa*: uma correspondência.

As correspondências por meio de cartas nos moldes tradicionais não fazem mais parte do nosso cotidiano, no entanto, fazemos uso de correspondências outras que

continuam a substituir a presença física da carta tradicional, a exemplo do e-mail, "um embrião de carta", como diz Walnice Galvão (2008). Assim, mesmo com suas particularidades, por se tratar de outro suporte, a correspondência virtual, como defendem alguns, pode se configurar como uma tendência literária. Nesse sentido, Fusaro nos oferece uma perspectiva sobre as "E-pistolas":

> Embora ainda tenhamos pouco a dizer sobre as produções nesse novo gênero, há intensos índices de que, em vez de desaparecer, o romance epistolar tem, na verdade, transformado-se por meio de novos alcances, mantendo um diálogo entre a cultura impressa e virtual num percurso de mão dupla: do impresso ao virtual; do virtual ao impresso.Veem-se, portanto, índices de uma nova tendência literária que, em vez de levar ao desaparecimento do gênero epistolar, pelo contrário, rede(fine) e, quem sabe, refina-o diante da possibilidade de novos talentos literários desenvoltos no gênero nascente. (Fusaro, 2016. p. 12).

A partir disso, podemos vislumbrar, quem sabe, uma possível relação com a obra *Como se fosse a casa*: uma correspondência, marcada pelo diálogo entre os dois poetas, ora também manifesto na forma de e-mails trocados entre eles, portanto, poetas e poemas e-pistolares. Marques começa com a pergunta "Duas pessoas dançando / a mesma música / em dias diferentes / formam um par?" (Jorge; Marques, 2017. p. 7). Será que duas pessoas escrevendo uma correspondência em lugares diferentes formam uma poesia? Esse diálogo proposto por uma produção em dupla acontece, em primeira instância, entre os escritores e, depois, ocorre novamente conosco, leitores desses poemas, que em uma espécie de voyeurismo observamos o encontro de Marques e Jorge. Assim,

> Conversamos entre nós, acerca deles, mas eles não nos respondem como fazem entre si. Eles não veem nossa escrita/leitura e, se porventura a virem, será já depois do livro publicado, depois do seu diálogo encerrado em uma obra. Nosso prazer é paralelo e posterior ao deles (Bastos; Negri, 2020. p. 117-118).

É interessante notar que Ana Martins Marques utiliza a terceira pessoa em um diálogo. Porém, isso denota, dentro da correspondência com Jorge, o diálogo conosco, de nos contar sobre seu deslocamento até na hora de se colocar na escrita. Ele não deixa passar em branco: "par irregular contradiz / o ímpar, se ela personne personae / busca a porta em terceira pessoa, / uma ana neutra, protegida / em dicionário germânico, / traz uma fortaleza cifrada" (Jorge; Marques, 2017, p. 14-15). Ela o responde:

> Coisas que o regulamento não diz:
> é preciso acreditar no poder
> da paisagem
> aprender a ser
> em sigilo
> apropriar-se de seu nome
> próprio
> revezar o próprio rosto
> não dizer mais "ela"
> (Jorge; Marques, 2017, p. 18-19)

Nessa conversa a distância, ela, no apartamento dele, uma forasteira que se desloca até mesmo ao dizer sobre si, ainda busca formas de se familiarizar: "Ela procura estudar o modo como a luz se distribui / pelos cômodos a certas horas" (Jorge; Marques, 2017. p. 10-11). Ele, do outro lado do mundo, um estrangeiro muito longe de casa: "em pelos de bigode, / negros brancos, / imita, em suíte, / o avesso do atlântico" (Jorge; Marques, 2017. p. 14-15). Desse modo, cria-se um espaço-comum para os poemas, como o título não nos deixa enganar, não se sentir em casa é recorrente nas correspondências, aproximando-se ainda mais dos temas correntes da literatura epistolar, da qual a escrita muitas vezes nasce da distância, da ausência e do desejo de presença.

E por falar em ausência, Marques retoma: "Alguém partiu daqui / alguém lançou-se para a frente puxando no entanto / um fio forte ou fraco que o liga à lembrança desta casa [...]" (Jorge; Marques, 2017. p. 12-13). E por falar em distância, no mesmo poema ela diz: "[...] ela olha os objetos em seus lugares / e pensa que um duplo deles agora vive / em outra cidade em outros cômodos / como uma casa no interior de uma casa / do

outro lado do mar" (Jorge; Marques, 2017. p. 12-13). Nesse sentido, Jorge não deixa de corresponder: "nenhuma tradição a oferecer / salvo uma partida" (Jorge; Marques, 2017, p. 24-25). De fato, nada mais tradicional, relacionado aqui à literatura epistolar, do que uma partida e, a partir dela, uma troca de correspondência. Para Derrida é a presença dos fantasmas o que está presente nas cartas, porque elas se constroem a partir da ausência: "Os fantasmas, porque convocamos sempre os fantasmas quando escrevemos cartas?" (Derrida, 2007, p. 43).

Ainda, voltemos à casa (ou quase) que desperta tanta inquietação na voz poética de Marques, como em seu poema com requintes de relato:

> [...]
> e depois isto:
> ensaios de morar
> onde melhor nos convém
> experimentos de ajuste
> do corpo à arquitetura
> ligeiro desconforto
> e desamparo infinito
> (Jorge; Marques, 2017. p. 20-21)

A casa, em sua instância de *como se fosse*, no desconforto do não-lar, ocupa um lugar especial na troca dos poetas, na amizade literária. Ela tenta uma conclusão: "Apenas ficar aqui / por força ficar aqui / até que a palavra morar / faça sentido" (Jorge; Marques, 2017. p. 20-21), mas a discussão dessas epístolas-poemas estão longe de findar; no poema "Viagem à Itália", Jorge prenuncia sua língua, nesse momento de exílio em um lugar que fala em outro idioma, começa: "é a língua essa que / tenho, / avesso feito de sal, / acento [...]", e termina: "[...] a língua nua / a que tenho, umbigo / abaixo, abrigo quase / casa" (Jorge; Marques, 2017. p. 30-31), toca também nesse assunto em outros momentos: "o avesso do atlântico. / ele frequenta os extremos do dia, / desperta a língua materna / na ponta dos nervos: / está viva." (Jorge; Marques, 2017. p. 14); além de: "moro na cidade explicada / em várias línguas / muitas delas não-latinas: / não entendo a cidade / na qual vivo [...]" (Jorge; Marques, 2017. p. 15).

O que se observa, portanto, é que, através da correspondência e do diálogo poético, a casa se constitui como um espaço simbólico. No entanto, no transcorrer de nosso *voyeurismo*, percebemos que o lugar-comum entre Ana Martins Marques e Eduardo Jorge é a língua: é nela e por meio dela que a aproximação se dá. Língua não só como linguagem, mas a língua do coração, pois estamos falando de poesia e é Derrida quem nos lembra no ensaio *Che co'é la poesia?* – "Chamo poema aquilo que ensina o coração, que inventa o coração, enfim *aquilo* que a palavra coração parecer querer dizer." (Derrida, 2001, p. 114, grifo do autor).

Ao lermos *Como se fosse a casa*: uma correspondência, ressaltamos a importância do hibridismo com a literatura epistolar, que potencializa a construção de um espaço partilhado pela palavra. Os dois poetas fazem diversas menções que tornam possíveis esta leitura:

> [...] acreditamos encontrar a casa em casa
> e a rua na rua, como se entre a casa e a rua houvesse
> uma língua comum, ou como se fôssemos bilíngues,
> levamos à rua palavras da casa
> guardamos em casa palavras da rua, parece simples,
> fazemos isso todos os dias, somos anfíbios,
> às vezes respirar
> é difícil
> (Jorge; Marques, 2017. p. 26-27)

O uso da expressão "anfíbios", como lembra Rafael Belúzio, pode ser uma referência a um conhecido ensaio de Silviano Santiago, "Uma Literatura anfíbia" (2002), em que o autor discute o panorama da literatura brasileira contemporânea diante do público leitor. No ensaio em questão, ele argumenta que o leitor estrangeiro exibe um radicalismo disciplinar que o faz querer ler arte ou política, mas arte e política não despertam tanta atenção. Ao passo que a literatura brasileira se move entre esses dois mundos, o que assinala seu caráter anfíbio. Santiago é um pensador muito apreciado por pesquisadores da UFMG, universidade onde Ana Martins Marques e Eduardo Jorge estudaram, logo, Belúzio conclui que não é difícil o "anfíbios" ser uma herança do renomado ensaísta.

Algumas considerações

Nesta leitura de *Como se fosse a casa*: uma correspondência, propusemos pensar a escrita como gesto que antecede as palavras, como movimento que se dirige a um outro. Escrever, afirmamos, é, sobretudo, *escrever para* – e, por isso, toda escrita carrega em si o traço de uma interlocução de uma correspondência possível. Em tempos em que as cartas físicas se tornaram obsoletas e os meios eletrônicos se impuseram, parece ter-se aberto um vazio. Mas, como vimos, esse vácuo não se manteve: ele foi ressignificado por outras formas de troca e de escrita compartilhada. Ao tomarem a correspondência como gesto poético, os autores exploram o território comum da linguagem – esse intervalo entre ser e estar – onde se tornam, simultaneamente, hóspedes e anfitriões um do outro. Desse modo, mais do que uma correspondência, *Como se fosse a casa* reinscreve a literatura epistolar como gesto de criação, no qual a casa é feita de palavras e o trânsito entre ausências se transforma em matéria viva da poesia, como nos versos de Ana Martins Marques:

> E tudo afinal talvez se resuma ao fato de morar numa língua
> que distingue ser e estar, morar no intervalo entre
> essas duas palavras, ser ali onde se está,
> ou estar assim como se é
> toda lei é
> da língua?
> (Jorge; Marques, 2017. p. 34-35)

Se a literatura epistolar tradicionalmente nasce da distância e do desejo de presença, neste livro ela se reinventa como gesto de habitar juntos a linguagem. A língua, mais do que o espaço físico, torna-se o lugar-comum onde Marques e Jorge constroem sua casa provisória. Assim, compreendemos que a literatura epistolar – ainda que transformada – permanece como uma via potente de encontro. Para Ana Martins Marques, como expressa em um de seus versos finais, a casa não é um lugar fixo, mas uma travessia pela linguagem: "minha casa é meu passaporte / minha casa é minha língua / estrangeira" (Jorge; Marques, 2017, p. 43).

Iniciamos este artigo trazendo à cena a intimidade da freira de Beja do século XVII que, a partir de suas cartas, foi inspiração para o movimento feminista em Portugal,

na década de setenta, com a publicação polêmica das *Novas Cartas Portuguesas*, de autoria das "Três Marias". Chegamos à perda de intimidade (ou seria decoro? Ou mau gosto mesmo?) com os fragmentos de cartas de escritores e personalidades famosas picotados e embutidos em bolsa de grife, bem como nos envolvemos na história de amor a distância de um casal anônimo (pelo menos até o documentário ganhar as telas de cinema Brasil afora), que se valeu da carta como meio de comunicação, na década de cinquenta, para não fenecer. Tal qual uma carta desviada, cujo trajeto se alonga, como nos diz Derrida (2007), fizemos todo esse preâmbulo de intimidades até chegar às intimidades da correspondência-casa, da correspondência-poema de Ana Martins Marques e Eduardo Jorge, um livro, como aponta Ricardo Aleixo na orelha, corajoso e denso. Aleixo não exagera, pois expor "o dorso à intimidade da casa" (Jorge; Marques, 2017, p. 15) não é tarefa fácil. Requer coragem, afinal, como bem diz Nietzsche: "Nossas vivências mais íntimas não são nada tagarelas" (Nietzsche, 2017, p. 80). Parece não ser mesmo, pois há experiências, vivências, e situações-limite que sugerem não haver linguagem suficiente que dê conta de narrá-las, no entanto, a palavra poética resiste, insiste, persiste, teima em dizer o indizível, o que não quer se mostrar. As cartas-poemas trocadas entre os poetas Ana Martins Marques e Eduardo Jorge conseguem fazer essa travessia do indizível e (des)velar a nós leitores os fios da trama que tecem a intimidade desta amizade literária.

As if it were a letter: the house

Abstract: This article reflects on epistolary productions through a dialogue with *Como se fosse a casa: uma correspondência*. The book records poetic exchanges between Ana Martins Marques and Eduardo Jorge when the poet from Minas Gerais lived for a month in his apartment while he was in Europe. The correspondence reinscribes the epistolary tradition as a gesture of creation and openness to new possibilities in poetic and epistolary practice. The notion of sending and, consequently, of deviation, with which Jacques Derrida engages in *Cartão-Postal* (2007), constitutes, among others, an important point of reflection for reading the work.

Keywords: Letter; Poetry; Intimacy; Memory.

Como se fuera una carta: la casa

Resumen: Este artículo reflexiona sobre producciones epistolares a partir del diálogo con *Como se fosse a casa: uma correspondência*. El libro registra los intercambios poéticos entre Ana Martins Marques y Eduardo Jorge cuando la poeta minera vivió durante un mes en su apartamento mientras él estaba en Europa. La correspondencia reinscribe la tradición epistolar como gesto de creación y apertura a nuevas posibilidades del quehacer poético y epistológráfico. La noción de envío y, por consiguiente, de desvío, con la cual Jacques Derrida dialoga en *Cartão-Postal* (2007), constituye, entre otras, un importante punto de reflexión para la lectura de la obra.

Palabras clave: Carta; Poesía; Intimidad; Memoria.

Referências

BARRENO, Maria Isabel, COSTA, Maria Velho da, HORTA, Maria Teresa. *Novas cartas portuguesas*. São Paulo: Todavia, 2024.

BASTOS, Mariana Cobuci Schmidt; NEGRI, Lucas Rodrigues. Isto é um roçar de mãos? Sobre dois livros (e um artigo) escritos em dupla. *Criação & Crítica*, n. 28, p. 113-131, dez. 2020. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/download/172742/167046/459645. Acesso em: 25 abr. 2025.

BELÚZIO, Rafael Fava. Como se fosse a crítica (uma correspondência para Ana Martins Marques). In. *Revista Em Tese*. v. 26 n. 3 set.-dez. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/emt/article/view/55451. Acesso em: 27 abr. 2025.

BIDEMY, Betinha Yadira Augusto, GUIDA, Angela, ALMEIDA, Daniel Machado. Escritas de vida como possibilidade de resistência. In. *Revista Ilha do Desterro*. v. 74, n. 2, p. 291-306, Florianópolis, mai/ago 2021. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/78532. Acesso em: 11 ago. 2025.

CAMPOS, Álvaro. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DERRIDA, Jacques. *Cartão-Postal*: de Sócrates a Freud e além. Trad. Ana Valéria Lessa e Simone Perelson. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

DERRIDA, Jacques. "*Che cos'è la poesia*?" Tradução de Tatiana Rios e Marcos Siscar.

Inimigo Rumor, n. 10, p. 113-116, maio 2001.

FUSARO, Márcia. Da literatura epistolar à e-pistolar: panorama em rede (finições). *Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia,* v. 4, n. 8, 2016.

GALVÃO, Walnice Nogueira. À margem da carta. In: *Teresa* revista de Literatura Brasileira [819]; São Paulo, p. 14-29, 2008. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177450/164487. Acesso em: 27 abr. 2025.

JORGE, Eduardo. *Poesia a dois*. 2017. Disponível em: https://medium.com/revista-bravo/poesia-%C3%ADntima-bbf6d2050d02. Acesso em: 27 abr. 2025.

JORGE, Eduardo, MARQUES, Ana Martins. *Como se fosse a casa* (uma correspondência). Belo Horizonte: Relicário, 2017.

JÚDICE, Nuno. Três Variações para Cravo e Mariana. In*: A Árvore dos Milagres e outros textos*. Lisboa: Quetzal Editores, 2000.

LAJOLO, Marisa. Romance epistolar: o voyeurismo e a sedução dos leitores. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 14, p. 61-75, jan.-dez. 2002.

MAGALHÃES, Danielle. Jacques Derrida: o verso de tudo que eu escrevo. In. *Revista Tabuleiro de Letras*, v. 14, n. 02, p. 12-26, jul./dez. 2020. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/9234. Acesso em: 27 abr. 2025.

MARQUES, Ana Martins. *A vida submarina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MARQUES, Ana Martins. *Como se fosse a casa*. 2017a. Disponível em: https://correio.ims.com.br/como-se-fosse-casa-por-ricardo-viel/. Acesso em: 27 abr. 2025.

MARQUES, Ana Martins. *Poesia a dois*. 2017b. Disponível em: https://medium.com/revista-bravo/poesia-%C3%ADntima-bbf6d2050d02. Acesso em: 27 abr. 2025.

MORAES, Marcos Antonio. 2007. *Epistolografia e Crítica Genética*. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n1/a15v59n1.pdf. Acesso em: 27 abr. 2025.

NEY, Natara. *Documentário sobre cartas de amor estreia em junho.* Cinem(ação), 21 mai. 2022. Disponível em: https://cinemacao.com/2022/05/21/documentario-sobre-cartas-de-amor-estreia-em-junho/. Acesso em: 27 abr. 2025.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. Paulo César de Sousa. Companhia de Bolso: São Paulo, 2017.

VIEL, Ricardo. *Como se fosse a casa*. 2017. Disponível em: https://correio.ims.com.br/como-se-fosse-casa-por-ricardo-viel/. Acesso em: 27 abr. 2025.

SANTIAGO, Silviano. Uma literatura anfíbia. 2002. *Revista Aceu*. Disponível em: https://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n5_Santiago.pdf. Acesso em: 10 ago. 2025.

Submetido em 29 de abril de 2025

Aprovado em 18 de agosto de 2025

Publicado em 28 de setembro de 2025